

**“MESMO QUE”: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA A PARTIR DA NOÇÃO DE
DINÂMICA DE FORÇAS**

***“EVEN THAT”: AN LINGUISTICS ANALYSIS FROM THE NOTION OF FORCE
DYNAMICS***

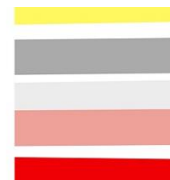
Profa. Ma. Marcilene da Silva Nascimento Cavalcante
Universidade Federal Fluminense
marciletrasbc@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um recorte de pesquisa ainda em desenvolvimento sobre usos e funções de “mesmo” no português falado e escrito do Amazonas. Os objetivos traçados, dentro do recorte, consistem em: identificar os usos de “mesmo” em *corpus* escrito do Amazonas e aplicar o conceito de dinâmica de forças, na esteira de Talmy (2000), para quem a Dinâmica de Forças é a interação de forças exercidas pelos elementos constitutivos do complexo cênico, estando associada à experiência de movimentação e de pressão humana (GONÇALVES-SEGUNDO, 2015, p. 164). Tendo como suporte teórico a Linguística Cognitiva, a pesquisa fundamentou-se em autores como Langacker (2008) e Talmy (2000) e em estudiosos da Língua Portuguesa como Duque e Costa (2012); Ferrari (2012); Gonçalves-Segundo (2015), entre outros. Os dados analisados foram extraídos de amostras de dois jornais de Manaus (capital do Amazonas): A Crítica e O Diário do Amazonas. Foram coletadas 120 amostras nos anos de 2017 e 2018. Os procedimentos de coleta dos dados pautaram-se nos modelos da Sociolinguística variacionista. As análises realizadas em fragmentos com a presença de usos de “mesmo” evidenciaram o fenômeno de dinâmica de forças nos contextos em que o “mesmo” tem a função de conjunção concessiva.

Palavras-chave: Dinâmica de forças; Linguística cognitiva; mesmo.

Abstract: This paper is part of the research still underway on uses and functions of "EVEN that" in spoken and written Portuguese from Amazonas. The paper's objectives: to identify the uses of "even" in written corpus of Amazonas and apply the concept of dynamics of forces in the wake of Talmy (2000). The Dynamics of forces is the interaction of forces exert by the constituent elements of the scenic complex, which is associated with the experience of movement and human pressure (GONÇALVES-SEGUNDO, 2015, p.164). The authors like Langacker (1987) and Talmy (2007) and on Portuguese Language scholars like Duque and Costa (2012); Ferrari (2012); Gonçalves-Segundo (2015), among others were read for the theoretical issue. The analyzed data were extract from two newspapers in Manaus (capital of Amazonas) samples: A Crítica and O Diário do Amazonas. A total of 120 samples were collected from 2017 to 2018. Data collection procedures were base on the models of Variationist Sociolinguistics. The analysis carried out in fragments with the presence of "even that" uses show the dynamics of forces, especially in the contexts in which the "even that" has the function of concessive conjunction.

Keywords: Dynamics of forces; Cognitive linguistics; Even that.



Introdução

A Linguística Cognitiva apresenta vários princípios e dialoga com muitas propostas que se complementam. A teoria da corporalidade é uma abordagem de cunho empirista e leva em conta a base corporal da experiência humana para a construção de significados. A partir dessa abordagem cognitiva, este trabalho tem como objetivo central desenvolver um estudo sobre usos e funções de “mesmo” no português falado e escrito no Amazonas.

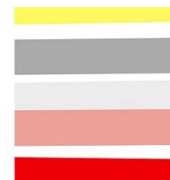
O embasamento teórico foi elaborado por meio de leituras de teorias cognitivistas propostas por: Langacker (2008) e Talmy (2000) e estudiosos da Língua Portuguesa como: Silva (2008), Ferrari (2010), Gonçalves-Segundo (2015, 2017), entre outros. Para compreensão das funções de ‘mesmo’ foram consultados Moura Neves (2011) e Azeredo (2018). Os dados aqui apresentados foram extraídos de dois jornais de Manaus (capital do Amazonas). As análises foram feitas em fragmentos de notícias e/ou reportagens com a presença de “mesmo” aplicando o conceito de Dinâmica de Forças.

O presente trabalho traz breves considerações sobre a Linguística Cognitiva na primeira subseção, que ainda contém os temas da corporalidade, esquemas imagéticos e dinâmica de forças de Talmy (2000). Na subseção dois abordou-se sobre o objeto de pesquisa e na subseção três se expôs a metodologia adotada. Finaliza-se com a análise dos dados, seguida das considerações parciais.

148

1 Linguística Cognitiva, corporalidade, esquemas imagéticos e dinâmica de forças

A Linguística Cognitiva (LC) pode ser considerada uma junção de teorias compartilhadas sem regra comum, mas que apresenta alguns princípios básicos que a caracterizam. Ferrari (2016, p. 14) adverte que não se deve pensar na Linguística Cognitiva como uma área homogênea, pois, “a área reúne um conjunto de abordagens que compartilham hipóteses centrais a respeito da linguagem humana, e, ao mesmo tempo, detalham aspectos particulares relacionados aos desdobramentos dessas hipóteses”. Sendo assim, a Linguística Cognitiva está numa relação interdisciplinar com outras ciências cognitivas, apesar disso, possui suas próprias especificidades. Por outro lado, Silva (1997, p. 59) define a Linguística Cognitiva como “uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo”. Esta é a base da teoria da corporalidade.



1.1 A corporalidade

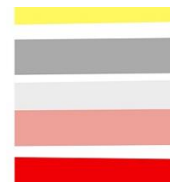
Para a Linguística Cognitiva a linguagem é toda sobre significado. Mas, o significado para a LC é visto de quatro formas bem específicas, diferente das outras áreas.

Em primeiro lugar o significado linguístico é perspectivizado, isso significa que não há uma representação real do mundo, mas que as expressões linguísticas podem ser diferentes maneiras de interpretar o mundo e cada indivíduo interpreta de acordo com o seu ponto de vista, com a sua perspectiva. Daí vem o conceito que Langacker (1987) chama de Perspectivação conceitual (*Construal*).

Em segundo lugar o significado linguístico é dinâmico e flexível, para a LC os significados são mutáveis, pois eles estão diretamente relacionados às experiências e mudanças que ocorrem no mundo e que exigem uma adaptação através de novas categorias semânticas. Sendo assim, não é possível pensar em estruturas rígidas e sim, são necessárias estruturas flexíveis. Como por exemplo, não é possível pensar numa estrutura rígida para categorizar os peixes somente considerando um tipo de peixe, mas há uma estrutura flexível de semelhança familiar que é capaz de lidar com os casos periféricos. Essa noção é oriunda da teoria de protótipos.

Em terceiro lugar o significado linguístico é enciclopédico, e não autônomo. Nesse aspecto a LC nega a questão da modularidade apregoada pelo gerativismo, pois nesse enfoque cognitivista a linguagem não é modular, nem é separada da mente, bem como de outras formas de conhecimento do mundo, ou seja, o conhecimento do mundo é integrado com todas as outras habilidades cognitivas. Duque e Costa (2012, p. 61) afirmam que “as faculdades cognitivas não são separadas: a linguagem não constitui um módulo inato, separado de outras capacidades cognitivas do ser humano”. Essa afirmativa se justifica nos pressupostos de que somos seres corporificados e não mentes puras e que não somos apenas entidades biológicas, ponto de vista defendido pelos conexionistas; é imprescindível compreender que o ser humano tem uma identidade cultural e social e que as línguas resultam das experiências históricas e culturais de grupos de falantes.

Em conformidade com o aspecto anterior, o significado linguístico é baseado no uso e na experiência. Nesse aspecto a LC propõe uma mudança de perspectiva de estudos da linguagem. Martelotta e Palomanes (2015, p. 181) declaram que desse modo, “Para os cognitivistas a gramática de uma língua constitui um conjunto de princípios dinâmicos os quais,



nas palavras do linguista Ronald Langacker, se associam a rotinas cognitivas que são moldadas, mantidas e modificadas pelo uso”. Portanto, o conhecimento linguístico tem uma natureza experimental e o significado é totalmente integrado à experiência. Por essa razão, os cognitivistas não concordam com a hipótese da autonomia da sintaxe, pelo contrário, a estrutura gramatical é associado ao significado da linguagem em uso real. Conforme afirmam Duque e Costa (2012, p. 63) “o conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso da língua em eventos comunicativos reais ”.

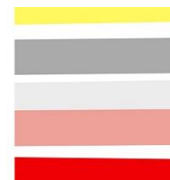
Outro princípio importante refere-se à relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência. Ou seja, essa integração leva em consideração a captação de dados para a construção dos significados a partir do contato com o mundo e esse contato se dá através dos nossos sentidos corporais. Segundo essa teoria, portanto, nossa mente não é separada do corpo e nosso pensamento é corporificado “ no sentido de que sua estrutura e sua organização estão diretamente associadas à estrutura de nosso corpo, bem como às nossas restrições de percepções e de movimento no espaço. ” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2015, p. 181)

Essa abordagem de cunho empirista se distancia, portanto, das abordagens formais da semântica, pois leva em conta a base corporal da experiência humana. Ferrari (2011, p. 21) explica que

[...] a Linguística Cognitiva alinha-se a tradições psicológicas e filosóficas que enfatizam a experiência humana e a centralidade do corpo humano nessa experiência. Dentro dessa perspectiva, a investigação da mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal.

Assim, compreende-se que a natureza corporizada do pensamento e da linguagem se relaciona ao fato de que nosso corpo é capaz de conceptualizar e categorizar vários processos de construção de sentidos através de nossa experiência com o mundo. Desse modo, no campo da LC, pode-se afirmar que a linguagem resulta de um processo mental e social, ou seja, nossas experiências corpóreas e socioculturais são ativadas cognitivamente e permitem assim, compreender melhor o mundo. Portanto, as experiências do homem no mundo afetam sua cognição e vice-versa. Assim, pode-se resumir as principais ideias dessa perspectiva.

O pensamento é “enraizado” no corpo, de modo que as bases de nosso sistema conceptual são percepção, movimento corporal e experiências de caráter físico e social. – O pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia e imagética mental, caracterizados por ultrapassar o simples espelhamento literal da realidade. – O pensamento tem propriedades gestálticas: os conceitos apresentam uma



estrutura global não atomística, para além da mera reunião de “blocos conceptuais” a partir de regras específicas. (FERRARI, 2011, p.22)

Diante disso, entende-se que a maneira de categorizar as coisas do mundo é mediada pela cognição e é motivada por fatores relacionados às experiências com o corpo e aos aspectos socioculturais; a linguagem é metafórica e metonímica, pois não usa a literalidade para expressar a realidade e, além disso, o pensamento usa o recurso de proeminência de categorias, ou seja, a figura/fundo (propriedades gestálticas) que geram os diferentes significados a partir do ponto de vista de falante/ouvinte. Essa vertente da Linguística Cognitiva advoga que a cognição é de natureza corporificada, surge, então, a concepção de mente corporificada. Ferrari (2011, p. 22) explica que “O pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia e imagética mental, caracterizados por ultrapassar o simples espelhamento literal da realidade”. A imagética mental refere-se à existência de estruturas armazenadas sob a forma de padrões estabilizados, chamados de esquemas imagéticos.

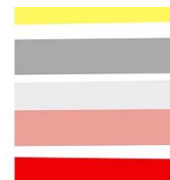
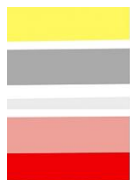
1.2 Os esquemas imagéticos

A teoria dos Modelos Cognitivos de George Lakoff (1987) explica o modo como a razão age sobre a realidade para dela extrair significados. Para alcançar esse objetivo Lakoff, como linguista cognitivista, lança mão do experiencialismo. Gomes (2006, p. 87) afirma que:

Para explicar como a razão atua sobre a realidade extraindo dela significados, o autor baseia-se numa teoria da categorização humana que, empiricamente, mostra que as categorias são do tipo que se estruturam em torno de um membro prototípico ou representativo da categoria. A fonte dos efeitos prototípicos são os modelos cognitivos idealizados, gestalts que estruturam os espaços mentais.

Os modelos cognitivos idealizados (MCI) surgem das idealizações culturais adquiridas no decorrer da vida de cada indivíduo. Duque e Costa (2012, p. 76) explicam que os modelos cognitivos idealizados “São conhecimentos, produzidos socialmente e disponibilizados culturalmente, que representam um papel relevante para a cognição humana: viabilizam o gerenciamento e uso do amplo conjunto de experiências adquiridas no dia a dia, durante toda a nossa vida”.

Isso significa dizer que ao longo da existência humana, o indivíduo vai construindo modelos, que são produtos da integração da mente com o corpo que interage com o mundo, que



possibilitam a formação de uma memória e de suas diversas aprendizagens. Nuñez (*apud* DUQUE e COSTA, 2012, p.78) explica que

O significado é construído socialmente de diversas formas (nunca é arbitrário), uma vez que está sujeito a conhecimentos originados em processos biológicos associados a corporalidade, que tem lugar na interação permanente entre os elementos sensíveis (constituídos mutuamente) e o meio a que esses elementos pertencem.

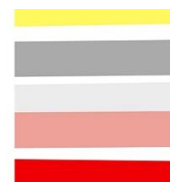
Assim, a partir da aceitação da natureza corporificada do pensamento e da linguagem, pode-se dizer que os esquemas imagéticos são estruturas oriundas de experiências sensório-motoras, facultadas pelas características biológicas da espécie humana e organizam a experiência humana. Conforme Duque e Costa (2012, p.78) os esquemas imagéticos mais frequentes são: CONTÊINER; PARTE/TODO; LIGAÇÃO; CENTRO/PERIFERIA; ORIGEM/CAMINHO/META ; ESCALAS e FORÇAS.

É importante entender que esses esquemas imagéticos servem de base para a compreensão de domínios mais abstratos e que todos estão associados à noção de corporalidade. Vejamos alguns desses esquemas por meio de exemplos.

i) CONTÊINER – de acordo com a noção de corporalidade, nossas experiências sensório-motoras é que promovem nossa aprendizagem e apreensões ao longo da existência. Assim, conforme a LC experienciamos nosso corpo como se fosse um recipiente com conteúdo. Por isso, quanto à linguagem há esse sentido de está dentro de algo e/ou sair de dentro de algo. Conforme o exemplo: “Quando entrei na sala, ele já havia saído”. O verbo entrar e sair expressam o sentido de que o indivíduo (conteúdo) estava dentro (no interior) de um contentor (sala) e que o outro sujeito (conteúdo) já havia saído de esse espaço e encontra-se no exterior.

ii) PARTE/TODO – esse esquema deriva da experiência que temos do nosso corpo que é constituído de partes e dos diversos elementos que nos cercam que percebemos serem formados por diferentes partes. Assim, pode-se verificar que na expressão “cada setor da sociedade deve fazer a sua parte”, temos a sociedade como o corpo todo e os seus diversos setores como partes constitutivas desse corpo.

iii) CENTRO/PERIFERIA – percebemos que nosso corpo é formado por partes centrais e partes periféricas, da mesma forma, os objetos e plantas têm suas partes centrais e outras mais subjacentes. Na linguagem, aplica-se o mesmo esquema como por exemplo, quando se diz: “precisa-se trazer os menores abandonados para o seio da sociedade.” Nesse caso, tem-se o



termo seio da sociedade representando o centro da sociedade, e subentende-se que os menores abandonados estão distantes desse centro, portanto, estão na periferia, à margem da sociedade; daí a expressão ‘marginalizados’, muito usada pelos falantes.

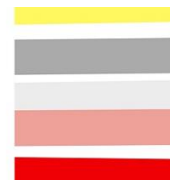
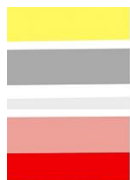
iv) ORIGEM/CAMINHO/META – esse esquema oriunda-se da experiência que se tem com os movimentos do corpo. Cada movimento tem um ponto de partida, uma trajetória e um ponto de chegada. Envolve as noções de tempo e espaço (direção). Esse esquema pode ser explicado pela seguinte expressão linguística: “Estarei em minha casa daqui uma hora, saindo do trabalho.” Diante dessa expressão, pode-se entender que o trajetor, que é o sujeito que percorrerá a trajetória, inicia um movimento em direção a sua casa (meta/ponto de chegada) saindo do seu trabalho (origem/ponto de partida); o caminho é o espaço (distância) a ser percorrido pelo trajetor.

v) LIGAÇÃO – conforme Duque e Costa (2012, p. 81) nós conceptualizamos as coisas por intermédio de relações que realizamos entre elas. “Essas ligações podem estar relacionando diretamente os conceitos entre si, ou ainda, relacionando-se à outros conceitos.” Há, portanto, uma relação de dependência entre as duas entidades. Por exemplo, a relação professor/aluno; aluno/aluno.

vi) ESCALAS – de acordo com esse esquema, experienciamos as coisas do mundo como possuidoras de substâncias, que, por isso, passam a ser compreendidas, como maiores ou menores que as outras; bem como os fatos do cotidiano, que podem ser mais ou menos intensos, ligado à nossa orientação espacial. Assim, pode-se entender que há um esquema imagético de escala quando se diz: “a inflação subiu mais do que o esperado pela equipe econômica”.

É importante enfatizar que esses esquemas imagéticos não podem ser compreendidos dissociadamente e que eles expressam metáforas comuns, do cotidiano e alguns casos expressam metonímias, que são formas de esquematizar os pensamentos. Além disso, é imprescindível a compreensão de que há muitos esquemas imagéticos que são utilizados em nossas conversações, vejamos apenas mais um. Gonçalves- Segundo (2015, p. 163) diz que:

Croft & Cruse (2004) concebem a FORÇA como um esquema imagético fundamental. Ferrari (2011), baseada nesses autores, arrola, como elementos básicos constitutivos desse esquema, as experiências de EQUILÍBRIO, FORÇA CONTRÁRIA, COMPULSÃO, RESTRIÇÃO, HABILIDADE, BLOQUEIO e ATRAÇÃO. Tais esquemas podem ser metaforicamente elaborados, extrapolando a experiência de movimento e de pressão que estão na sua origem pré-conceptual para os campos intra e interpsicológico, social, inferencial e discursivo. Por essa razão, a FORÇA permeia uma série de construções linguísticas e discursivas, podendo ser depreendida não só



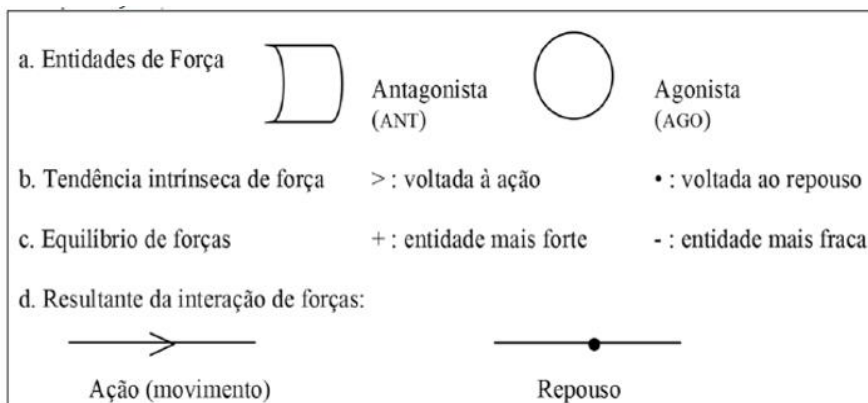
em afixos, verbos, modalizadores, preposições, conjunções, mas também no direcionamento de padrões argumentativos e de expectativas.

Dessa forma, é possível observar que a noção de contraste, oposição, restrição pode ocorrer de forma explícita, mais marcada linguisticamente, ou de forma implícita, quando o falante se opõe a um subentendido da fala do interlocutor por meios dos argumentos ou ideias contrárias. Neste trabalho, foi adotada a teoria de Leonard Talmy, denominada de Dinâmica de Forças.

1.3 A Dinâmica de Forças

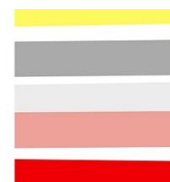
Para Talmy (2000) a Dinâmica de Forças é a interação de forças exercidas pelos elementos constitutivos do complexo cênico, estando associada à experiência de movimentação e de pressão humana (GONÇALVES-SEGUNDO, 2015, p. 164). A DF, segundo o autor, “envolve 4 componentes fundamentais que se manifestam, explícita ou implicitamente, nas construções linguístico-discursivas pertinentes. São eles: a. as entidades de força; b. a tendência intrínseca de força; c. o seu equilíbrio; e d. a resultante de sua interação”.

154



Fonte: Gonçalves-Segundo (2017, p.203)

As entidades de força correspondem ao Antagonista (ANT) e ao Agonista (AGO). O participante colocado em foco é o AGO, o qual apresenta uma tendência ao repouso ou ao movimento. O ANT é a entidade que confrontará o AGO, e que possui uma tendência sempre oposta à do AGO e cuja força determinará o repouso ou movimento do AGO. Dependendo da forma de interação, vários padrões podem emergir: a causação, o bloqueio, a permissão e a concessão.



A causação possivelmente está ligada às experiências pré-conceptuais de pressão e compulsão. Assim, o AGO assume uma determinada tendência (ação/repouso), entretanto, o ANT é mais forte e impõe sua tendência e modifica o estado natural. O bloqueio provavelmente origina-se de nossa experiência de restrições de movimento. No caso de permissão, não há um confronto de forças entre as entidades. Por isso, embora, o ANT seja mais forte, não vai impor sua tendência sobre o AGO. A concessão, de acordo com Gonçalves-Segundo (2017, p. 203) “configura-se em uma interação de forças na qual o ANT não tem força o suficiente para reverter a tendência do AGO. Observamos tal padrão em conectivos concessivos, adversativos e em adjuntos modais de contraexpectativa”. Para este trabalho, destacaremos somente a concessão. No estudo ora apresentado, pode-se dizer que o “mesmo” na função de conjunção concessiva evoca o esquema imagético de dinâmica de forças, como veremos no capítulo de análises dos dados.

2 O objeto de pesquisa

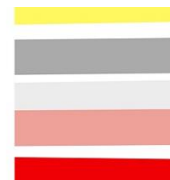
155

A etimologia da palavra “mesmo” traz consigo algumas questões incertas. Mas, de acordo com os mais relevantes dicionários etimológicos como Nascentes (1932) a palavra vem do latim vulgar **metipsimus*: *met* – prefixo do latim vulgar com função de reforçar pronomes; *ipse* – é um pronome demonstrativo dêitico referente a segunda pessoa do discurso; *imus* – sufixo formador de superlativos sintéticos (OLIVEIRA, 2013). Amorim (2009) acrescenta que esse termo tem como origem, não somente o pronome *ipse*, mas também, o pronome demonstrativo *idem* do latim clássico, que tinha a função de indicar identidade e semelhança, portanto, fórico/referente.

Moreira (2007), Amorim (2009), Biasotto (2012) e Oliveira (2013) concordam unanimemente que o termo veio do superlativo de *metipse* do latim vulgar e que passou pelo processo de evolução fonética do latim vulgar para o português: *metipse* > **metipsimus* > **medipsimus* > **medesmo* > *meesmo* > *mesmo*.

Para abordarmos sobre as funções morfológicas, sintáticas e semânticas de ‘mesmo’, lançamos mão dos estudos de Azeredo (2018) e Moura Neves (2011).

Em sua Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, Azeredo (2018, p. 191), explica que pronomes indefinidos são “as palavras gramaticais de significação imprecisa e não dêitica [...] e que integram o sintagma nominal”. Ainda adverte que há alguns (pronomes indefinidos) que



“se associam, às vezes cumulativamente com o traço quantitativo, o valor de ‘remissão’ (*mais, menos, outro, mesmo, demais*), [...] ou o de ênfase (*próprio, mesmo*). No capítulo em que aborda sobre os determinantes, Azeredo (2018, p. 273) reitera a função de pronome indefinido e acrescenta que

os pronomes *mesmo* e *outro* empregam-se no discurso em virtude de uma atitude comparativa por parte do enunciador, que tem sempre em mente uma base referencial comum às porções de sentido consideradas: a identidade total se exprime com *mesmo*, a parcial, com *outro*. Assim, quando dizemos *o ministério usou o mesmo slogan da campanha anterior*, não só classificamos as mensagens das duas campanhas como *slogan*, como dizemos que o ministério usou na segunda campanha uma linguagem idêntica à primeira.

Dessa forma, ambos têm uma função remissiva, pois servem para retomar “porções de sentido (anáfora) ou antecipar porções de sentido (catáfora) na cadeia de discurso” (AZEREDO, 2018, p. 273). Além dessa função remissiva, o ‘mesmo’ como determinante, pode ter uma função focalizadora em que destaca um ponto de vista do enunciador que denota a relevância do que está falando. Azeredo (2018, p. 277) usa o seguinte exemplo para explicar: *O prefeito mesmo supervisionou os trabalhos de socorro aos flagelados*. Percebe-se que a intenção do enunciador é impressionar o interlocutor sobre o fato relatado.

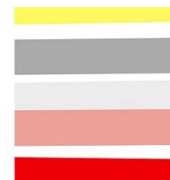
156

Como concessiva, o ‘mesmo’ significa embora, apesar de, ainda que, e normalmente vem acompanhado de *que* (mesmo que) ou no início de orações reduzidas de gerúndio. Em relação a essa função, Azeredo (2018, p. 366) esclarece que:

A relação concessiva é correntemente expressa pela locução prepositiva *apesar de* e pela conjunção concessiva *embora*, que introduzem sempre uma informação vista como fato real. A representação da concessão como hipótese ou irrealidade costuma ser feita por meio de *ainda que, mesmo que, mesmo se, ainda se*.

E ainda acrescenta que: “É comum que a hipótese contida na oração concessiva se refira a um obstáculo incapaz de impedir que se realize o que vem expresso na oração principal”. (AZEREDO, 2018, p. 367).

Moura Neves (2011, p. 862) também atribui a ‘mesmo’ a função de conjunção concessiva na forma de locução conjuntiva, pois, nesse caso, sempre vem acompanhado pelo elemento *que*. A autora ainda acrescenta que “é comum o emprego de ‘mesmo’ antes da preposição *com* (p. 638), bem como, em casos de comparação de dois sintagmas verbais (dois verbos com um mesmo sujeito) que ocorrem em orações comparativas o ‘mesmo’ aparece em locução iniciando a oração: *do mesmo modo que* (p. 899 e 907). Azeredo (2018, p. 371) confirma essa noção de comparação assimilativa por meio da expressão *da mesma forma que*.



Moura Neves (2011, p. 883) ainda sugere que nas construções concessivas contrafactuais, a expressão típica da relação concessiva contrafactual não se faz com a conjunção *embora*, mas com conjunções do tipo de: *mesmo que*, *ainda que*, *nem que*.

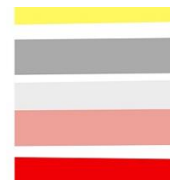
Em sua Gramática de usos do português Moura Neves (2011, p. 237) trata de advérbios modalizadores e os classifica em epistêmicos ou asseverativos; delimitadores ou circunscritores; deônticos e afetivos ou atitudinais. A autora continua explicando que:

Os advérbios modalizadores compõem uma classe ampla de elementos adverbiais que têm como característica básica expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação linguística. (MOURA NEVES, 2011, p. 244)

O ‘mesmo’ é classificado como um advérbio modalizador epistêmico que expressa “simples crença ou certeza do falante” (MOURA NEVES, 2011, p. 246). Nesse sentido, Cesário, *et. all* (2018, p. 274) afirmam que os advérbios modalizadores epistêmicos “avaliam o conteúdo da oração, mas com um certo grau de certeza”. Castilho (2012, p. 555) explica que os modalizadores epistêmicos “expressam uma avaliação sobre o valor de verdade da sentença, cujo conteúdo o falante apresenta como uma afirmação ou negação que não dão margem a dúvida, tratando-se, portanto, de uma necessidade epistêmica”. Além disso, o autor deixa claro que o ‘mesmo’ é um advérbio modalizador epistêmico quando afirma “os advérbios *mesmo* e *realmente* são denominados modalizadores epistêmicos, admitindo que se organizam em duas subclasses, a dos asseverativos e a dos quase asseverativos”.

Moura Neves (2011, p. 492) assevera que ‘mesmo’ tem valor demonstrativo como indicador de identidade idêntica, no sentido de “o próprio”; “não outro”, vem sempre depois do substantivo ou pronome pessoal. Nesse caso, Moura Neves (2011, p. 492) afirma que ‘mesmo’ tem valor demonstrativo como reforçador de identidade.

Em síntese, de acordo com os dois autores, ‘o mesmo’ pode ser pronome indefinido com funções remissiva e focalizadora; pode ser pronome demonstrativo como reforçador de identidade; pode ser advérbio modalizador epistêmico asseverativo e conjunção concessiva quando seu significado se aproxima de *embora*, *apesar de*, *ainda que*.



3 Metodologia

Inicialmente, foram feitas leituras de teorias cognitivistas defendidas por: Langacker (1987, 1991, 2008) e Talmy (2000) e estudiosos da Língua Portuguesa como: Ferrari (2010, 2011, 2015, 2016); Silva (1997, 2008, 2010, 2015), Gonçalves-Segundo (2015, 2017), entre outros.

O objeto de estudo selecionado foi a expressão linguística “mesmo” do português falado e escrito pelos amazonenses. Como objetivo central foi proposto: desenvolver um estudo sobre usos e funções de “mesmo” no português falado e escrito no Amazonas.

Os dados aqui apresentados foram extraídos de dois jornais de Manaus (capital do Amazonas): o Jornal A Crítica e o Jornal Diário do Amazonas nos anos de 2017 e 2018. Foram selecionadas 120 notícias/reportagens de ambos os jornais. As análises foram feitas em fragmentos com a presença de “mesmo” apontando os contextos mais recorrentes, a partir da noção de Dinâmica de Forças de Talmy (2000).

158

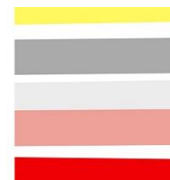
4 Análise do *corpus*: aplicação da teoria

Das 120 amostras selecionadas para este trabalho, 38 ocorrências tinham o ‘mesmo’ como conjunção concessiva. Conforme Azeredo (2018, p. 367) “É comum que a hipótese contida na oração concessiva se refira a um obstáculo incapaz de impedir que se realize o que vem expresso na oração principal”. Assim, entende-se que há uma força contrária que impede que haja uma alteração na tendência natural do Agonista. Vejamos os exemplos:

(1) Inevitável trazer à lembrança um sem-número de “novos ricos” e de “pessoas públicas” que vivem declarando amor à cidade, mas que na primeira oportunidade fogem dela, maldizendo suas condições. Amaldiçoam o calor, a cidade, o comércio, o atendimento. Adoram ostentar que fizeram tal coisa ou que compraram isso ou aquilo em Miami, ou em qualquer outro lugar, *mesmo que aquele serviço ou aquela mercadoria também esteja disponível aqui*. Parecem ter o prazer de dizer “não, não foi em Manaus”, como uma vitória, um símbolo de sucesso e de status. Mas admitem que a cidade é “boa para se ganhar dinheiro”!¹

No exemplo selecionado o “mesmo” aparece como um conectivo que expressa uma ideia de concessão. As entidades da DF, como já foi dito são o AGO e o ANT. Assim, o AGO

¹ Disponível em: <<http://www.acritica.com/blogs/orlando-camara/posts/autossabotagem>> Acesso em 16 nov. 2017.)



são os “novos ricos e “pessoas públicas” que tendem a comprar objetos fora da capital Manaus. O ANT é o serviço e/ou mercadoria disponível em Manaus. Assim, o ANT não tem forças para reverter a tendência da entidade em foco. Quer dizer, a disponibilidade dos serviços e/ou mercadorias dentro do estado, seria potencialmente suficiente para impedir a compra dos “novos ricos” no exterior, porém, o estado natural de comprar exerce maior força. Ocorre, desse modo, a concessão, em que há resistência entre as forças contrárias.

(2) O senador Eduardo Braga (MDB) conseguiu incluir, oficialmente, no relatório da Medida Provisória 814/2017, que reestrutura segmentos do setor elétrico, item que assegura a estabilidade de, no mínimo, dois anos dos trabalhadores das concessionárias da Eletrobrás, caso sejam privatizadas. *Mesmo se houver demissão*, eles irão receber indenização equivalente a dois anos trabalhados, além dos direitos previstos em lei. A medida beneficia milhares de trabalhadores das distribuidoras administradas pela estatal, inclusive os mais de 2 mil servidores da Eletrobrás Amazonas.²

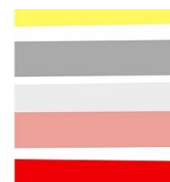
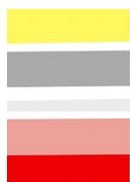
A notícia veiculada informa que o senador Eduardo Braga conseguiu incluir um item na MP que assegura a estabilidade de servidores da Eletrobrás Amazonas. Assim, temos como AGO os trabalhadores e o ANT é a demissão. Ou seja, o fato de alguns trabalhadores serem demitidos, não impedirá que esses deixem de receber sua indenização. Isso significa que o ANT exerce uma força insuficiente para reverter a tendência natural do AGO. Há, portanto, uma contraexpectativa, pois o que vem expresso na oração principal não se realiza. Essa contraexpectativa é anunciada de forma antecipada pela conjunção *mesmo se*.

159

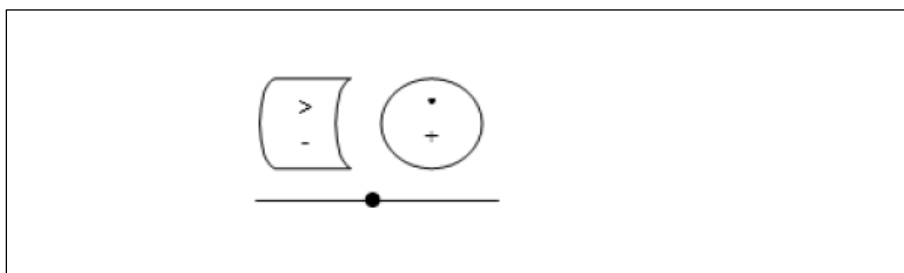
(3) Tão tradicional quanto panetone no Natal, era a cobrança da bandeira 2 pelos taxistas nessa época do ano. Mas, pelo segundo ano consecutivo, a concorrência com os aplicativos fez com que os motoristas de táxi desistissem do acréscimo de 30% no valor da corrida, que garantia o 13º salário da categoria. *Mesmo estando prevista em lei*, a decisão sobre a cobrança deve partir do próprio motorista que sabe que a situação está difícil e não é mais como há algum tempo, em que não havia concorrência, explica o presidente do Sindicato dos Taxistas de Manaus (Sintaxi), Luiz Augusto Aguiar. “No ano passado, já fizemos uma ação de permanência da bandeira 1 e, apesar da bandeira 2 ser lei, muitos taxistas estão trabalhando sem cobrar. Mas, a decisão é do motorista, as cooperativas ou empresas de taxi não podem obrigar”, afirma.³

2 Disponível em: < <http://diariodoamazonas.com.br/politica/braga-consegue-incluir-indenizacao-trabalhadores-da-eletobras-em-relatorio-de-mp/>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

3 Disponível em: < <http://diariodoamazonas.com.br/economia/taxistas-abrem-mao-de-cobrar-bandeira-2-no-mes-de-dezembro-em-manau/>>. Acesso em: 22 jan. 2019.



Na amostra acima o ‘mesmo’ introduz uma oração subordinada reduzida de gerúndio. O AGO é os taxistas e o ANT é a cobrança da bandeira 2. A tendência natural dos taxistas é não cobrar essa taxa extra, e apesar da existência da lei, essa tendência não sofre alteração, porque a força do ANT não é suficiente para provocar essa alteração. Assim, temos a seguinte representação do esquema imagético de dinâmica de forças de concessão:



Nas amostras acima, o ANT tem a tendência ao movimento (>), entretanto, não tem força suficiente (-) para reverter a tendência natural de repouso do AGO (•). Por isso, a resultante da interação de forças é o repouso (—•—), mas poderia ser de ação, caso as tendências fossem opostas, explica Gonçalves-Segundo (2017, p.203). Por fim, enfatiza-se que *mesmo que*, *mesmo se*, *mesmo –ndo* são construções concessivas contrafactuais, que ativam o esquema imagético de forças contrárias em que há uma interação de forças de concessão.

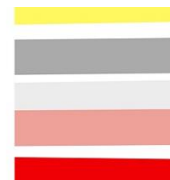
160

5 Considerações parciais

A Linguística Cognitiva é vista como uma abordagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana. O conceito de corporalidade enfatiza que a mente humana não pode ser dissociada do corpo, de modo que a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal. Assim, se conclui que os esquemas imagéticos são estruturas oriundas de experiências sensório-motoras, facultadas pelas características biológicas da espécie humana e organizam a experiência humana.

Desses esquemas imagéticos, destacou-se o esquema de FORÇAS, na perspectiva de Talmy (2000) que considera a Dinâmica de Forças como a interação de forças exercidas pelos elementos constitutivos do complexo cênico, associando-se à experiência de movimento e pressão humana.

Na análise dos dados, foi possível constatar que ‘mesmo’ assume várias funções dependendo do contexto, como por exemplo: pronome demonstrativo, advérbio modalizador



asseverativo, conjunção concessiva. Nos contextos em que o “mesmo” aparece como conjunção concessiva foi possível identificar o fenômeno de Dinâmica de Forças de concessão, em que o ANT não tem força suficiente para reverter a tendência natural do AGO, ocorrendo, portanto, uma contraexpectativa, pois o fato enunciado não se concretiza.

Referências

AMORIM, Neide Correia Sant’Anna. *O item linguístico MESMO: confrontando usos e funções no português do Brasil*. 2009. Tese. (Doutorado em Linguística) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 4.ed. São Paulo: Publifolha, Instituto Houaiss, 2018.

BIASOTTO, Milenne. *Para uma gramática da produção: análise da marca MESMO sob o enfoque da teoria das operações predicativas e enunciativas*. 2012. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara-SP.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CEZARIO, Maria Maura, [et. all]. Os advérbios: aspectos históricos e usos atuais. In: CASTILHO, Ataliba T. de; LOPES, Célia Regina. (Coord.) *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2018.

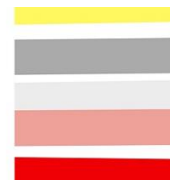
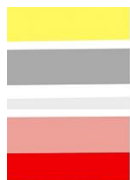
DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antonio. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos e categorização de experiências*. Natal, RN. EDUFRN, 2012.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, Lilian. Sociolinguística Cognitiva. In.: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JR., Celso. (Orgs.) *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 135-144.

GOMES, Claudete Pereira. *Tendências da semântica linguística*. 2.ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo. A permeabilidade da Dinâmica de Forças: da gramática ao discurso. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; RESENDE, Briseida Dôgo; DE PAULA, Fraulein Vidigal; MÓDOLO, Marcelo; CAETANO, Sheila Cavalcante (org.). *Linguagem e cognição: Um diálogo interdisciplinar*. Lecce: Pensa Multimedia Editores, 2015, p. 163-185.



GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo. Orientação argumentativa e cognição: a Dinâmica de Forças no debate acerca dos rolezinhos. *Revista Signo*. Santa Cruz do Sul. v. 42, n. 73, p. 200-212, jan. /abril/2017. Disponível em <<http://online.unisc.br/ser/index.php/signo>> Acesso em: 7 jul. 2018.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar*. An Basic Introduction. Oxford University Press. 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. Linguística Cognitiva. In.: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 177- 192.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

MOREIRA, Emília Laudicéia. *O uso de o (s) mesmo (s) como elemento anafórico numa modalidade escrita do português do Brasil*. 2007. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR.

OLIVEIRA, Anna Karolina Miranda. “O mesmo? Que mesmo? Ah, é mesmo...”: a dinamicidade linguística da construção referencial do mesmo na Língua Portuguesa. 2013. Dissertação. (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

SILVA, Augusto Soares da. A Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos*. Faculdade de Filosofia da UCP, Braga: v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.

TALMY, Leonard. *Towards a Cognitive Semantics* v. 1. Cambridge: MIT Press, 2000.

Recebido em: 15 de julho de 2019.

Aprovado em: 23 de outubro de 2019.